



Escritas migrantes: deslocamento e identidade na narrativa brasileira contemporânea

Migrant writings: displacement and identity in contemporary Brazilian narratives

Shirley de Souza Gomes Carreira

Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ / Brasil
shirleysgcarr@gmail.com

Paulo César Silva de Oliveira

Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ / Brasil
paulo.centrorio@uol.com.br

Resumo: Este texto analisa os romances *A imensidão íntima dos carneiros*, de Marcelo Maluf, e *O filho da mãe*, de Bernardo Carvalho, e demonstra como eles abordam a questão do deslocamento e seu impacto nas construções identitárias, passando as relações do sujeito com a tradição e os efeitos traumáticos da guerra. As obras tratam da experiência da migração por uma modalidade da ficção contemporânea configurada em uma poética da alteridade que ultrapassa as fronteiras do imaginário nacional e explora a geografia imaginária da diferença cultural. Na obra de Maluf, o olhar é de dentro, de quem escreve e vive sua herança cultural e a tradição; no romance de Carvalho, a perspectiva é de fora, do estrangeiro como observador da vivência traumática do outro em meio à guerra e às vicissitudes das identidades em conflito. Essas duas perspectivas se complementam e refletem a pluridimensionalidade das escritas de trânsito e cruzamento de fronteiras.

Palavras-chave: Bernardo Carvalho; Marcelo Maluf; deslocamento; identidade; escrita migrante.

Abstract: This text proposes the analysis of two novels, *A imensidão íntima dos carneiros*, by Marcelo Maluf, and *O filho da mãe*, by Bernardo Carvalho, in order to demonstrate how these texts address the issue of displacement and its impact on the construction of identities, stretching across the relations of the subject with tradition, exclusion and the traumatic effects of war. If in Maluf's novel the look is from within, from the point of view of one who writes and lives his own cultural heritage and tradition, in Carvalho's novel the perspective is from outside, from the foreigner who is an observer of the traumatic experience of the other in the midst of war, together with the vicissitudes of conflicting identities. These two perspectives complement each other insofar as they reflect the multidimensionality of transit and cross-border writing.

Keywords: Bernardo Carvalho; Marcelo Maluf; displacement; identity; migration writing.

Narrativas de deslocamento na literatura contemporânea

Apesar de recorrente na literatura brasileira, a temática das migrações passou a ser especialmente relevante a partir da segunda metade do século XX, mais precisamente a partir dos anos 1980, quando escritores brasileiros descendentes de imigrantes começaram a escrever obras em que não apenas revisitavam a história familiar e a tradição, mas também expunham os conflitos identitários decorrentes do deslocamento físico e cultural. Assim, em obras de autores como Milton Hatoum, Salim Miguel e Moacyr Scliar, por exemplo, pode-se observar que o deslocamento físico corresponde a um movimento interior, que associa o processo de reconstrução da identidade à experiência do diverso, da diferença cultural. Cabe não esquecer nesse percurso literário a importância do romance *Lavoura arcaica*, de Raduan Nassar, lançado em 1975, que se tornou obra emblemática na abordagem do migrante e de suas questões sociais, culturais e religiosas.

Como o deslocamento implica a dissolução do lugar antropológico,¹ que é o espaço onde outrora se estabeleciam as relações de sociabilidade, a memória é o último laço a atar o sujeito às suas raízes. É pela via da memória que esses autores promovem a representação do *détour*,² ou

¹ AUGÉ. *Não-lugares*, p. 158.

² GLISSANT. *Le discours antillais*, p. 31.

seja, das estratégias que o sujeito migrante desenvolve para manter viva a cultura, para preservar as tradições e o idioma natal.

Em *Reflexões sobre o exílio*, Edward Said afirma que o século XX é, efetivamente, “a era do refugiado, da pessoa deslocada, da imigração em massa”.³ Consequentemente, as narrativas sobre os fluxos migratórios também têm em comum a representação dos eventos motivadores do deslocamento, sejam eles perseguições religiosas, de natureza étnica, conflitos bélicos ou o anseio por oportunidades de trabalho. Essas representações estabelecem um intenso diálogo entre ficção e história, de modo a produzir um esbatimento de fronteiras que não só se materializa no âmbito da diegese, mas também se revela na permeabilidade entre gêneros literários e do discurso.

Partindo dessas premissas, este artigo tem como proposta a investigação de dois romances da literatura brasileira contemporânea, *A imensidão íntima dos carneiros*, de Marcelo Maluf, e *O filho da mãe*, de Bernardo Carvalho, a fim de demonstrar como os autores abordam a questão do deslocamento e o seu impacto nas construções de identidades, perpassando as relações do sujeito com a tradição e os efeitos traumáticos da guerra. Essas duas obras, ancoradas na experiência da migração, filiam-se a uma modalidade da ficção contemporânea configurada em uma “poética da alteridade” que alarga “o imaginário nacional para além de suas fronteiras, explorando uma geografia imaginária da diferença cultural”.⁴

A imensidão íntima dos carneiros, vencedor do Prêmio São Paulo de Literatura em 2016, na categoria estreador com mais de 40 anos, resulta de uma bolsa de criação literária do Governo do Estado de São Paulo (ProAc), obtida por Marcelo Maluf em 2013. *O filho da mãe* é o produto da participação de Bernardo Carvalho no projeto Amores Expressos, que lhe permitiu passar um mês em São Petersburgo, Rússia, um dos cenários do romance. Se na obra de Maluf o olhar é de dentro, de quem escreve e vive a própria herança cultural e sua tradição, transfiguradas na matéria literária, no romance de Carvalho, a perspectiva se dá por meio de uma visão de fora, do estrangeiro que se coloca como um observador da vivência traumática do outro em meio à guerra e às vicissitudes das identidades em conflito. Essas duas perspectivas se complementam, na

³ SAID. *Reflexões sobre o exílio*, p. 47.

⁴ GODET. *Errância/Migrância/Migração*, p. 198.

medida em que refletem a pluridimensionalidade das escritas de trânsito e cruzamento de fronteiras. Daí o caráter social, cultural, antropológico e político que essas narrativas assumem.

Esses dois romances vão além do escopo usual das narrativas de deslocamento. Constituem-se como “escritas migrantes”,⁵ ou seja, são textos que, além de abordar os desdobramentos do trânsito espacial e cultural e a representação do sujeito fora do lugar, impõem-se como fonte de reflexão sobre os fenômenos culturais e políticos da contemporaneidade.

O medo ancestral e a narrativa do trauma e do deslocamento

O ato de escrever é também parte da vida, ele suspende a vida apenas como metáfora.

Cristovão Tezza

Em um ensaio intitulado “A era da pós-ficção: notas sobre a insuficiência da fabulação no romance contemporâneo”, Julián Fuks discute o caráter excessivamente híbrido da ficção contemporânea e afirma que, à medida que o romance dialoga com outros gêneros textuais e com outros campos do saber como a historiografia, por exemplo, o elemento ficcional é transgredido, dando origem ao que denomina de “pós-ficção”. Como Fuks enfatiza, um dos traços recorrentes dessa expressão romanesca contemporânea é também uma das características das obras autoficcionais: a narrativa em primeira pessoa, que tem como referente o próprio autor.

No romance, há uma identificação explícita entre narrador e autor, atestada na segunda capa, onde um breve resumo da obra informa que o avô de Marcelo Maluf, Assaad Simão, veio do Líbano para o Brasil ainda criança, em 1920, após uma tragédia que o marcou para o resto da

⁵ Adotaremos aqui o conceito de “escrita migrante” segundo as perspectivas de Simon Harel e Pierre Ouellet, que a concebem como espaço de entrecruzamento de culturas, em que é possível ouvir as vozes plurais do mundo, traduzindo-se nas formas de percepção do outro e de apreensão da própria alteridade.

vida. Entretanto, a voz narrativa distancia-se do caráter confessional que geralmente as autoficções adotam ao recorrer ao artifício do fantástico para conceder voz ao avô morto, traço de marcante originalidade na obra.

Assim como o narrador, Maluf não chegou a conhecer o avô, pois este já havia falecido à época do seu nascimento. O romance incorpora as histórias que lhe foram transmitidas pelos pais e tios, bem como aborda eventos ocorridos no Líbano, antes da vinda de Assaad para o Brasil. Na diegese, o narrador procura recuperar a história familiar e a experiência da migração transportando-se imaginariamente a 1966, um ano antes da morte de Assaad, enquanto este escreve as memórias da sua infância, sentado à janela de casa, na cidade de Santa Bárbara d'Oeste, no interior de São Paulo.

Sugestivamente, o romance se inicia com a seguinte frase: “O medo estava no princípio de tudo”. O medo originário, gerado pela violência cometida contra o ancestral mais remoto do narrador, Abu Abdallah, morto por muçulmanos com 128 golpes de sabre, apenas por ser cristão, é a força motriz da narrativa. O medo acompanhou as sucessivas gerações e, no presente, assombra o narrador, que o interpreta como uma herança genética. Na tentativa de enfrentá-lo e de compreender a própria identidade, como uma presença invisível, o narrador espreita o registro das memórias de Assaad.

Segundo Cecília Kemmel, a emigração de libaneses para o Brasil “está basicamente relacionada a dois motivos indissociáveis na sua cultura de origem: domínio político e religião”.⁶ Embora uma boa parte dos imigrantes tenha alegado o desejo de prosperidade material como o motivo para a diáspora, o fator preponderante foi o massacre de cristãos. No romance, Assaad fora expatriado após assistir ao enforcamento de seus irmãos, Adib e Rafiq, por soldados turcos otomanos. A experiência traumática o fizera silenciar sobre o episódio, que fora revelado, muito tempo depois, a uma única pessoa da família, Sami, o tio do narrador.

O pai de Assaad não conseguira viver no Brasil e acabara por voltar ao Líbano. Assaad, já no ofício de mascate, permaneceu no país, constituindo família e jamais retornando à terra natal. O medo que se apoderara dele aos nove anos de idade permanecera como uma sombra em sua vida adulta, a ponto de, ao contrário do que comumente ocorre com os imigrantes, rejeitar a própria história:

⁶ KEMMEL. *Sírios e libaneses*, p. 29.

Por todos os filhos, Assaad temia. Por isso não lhes ensinou o árabe, amaldiçoou o Líbano e não lhes contou de sua infância, nem de como Rafiq e Adib foram mortos. Assaad dizia sempre que havia renascido para o mundo dentro do navio cheio de imigrantes que o trouxera para o Brasil. Assaad tem a consciência de que aos filhos negou o seu passado. Mas do mesmo modo que embarcou naquele navio sem olhar para trás, agora ele precisava escrever sem lamentar o que não foi feito. Sangrar o papel com palavras que estiveram esquecidas por muito tempo nas montanhas de Zahle, deitadas sob o gelo da neve.⁷

Diferentemente da maioria dos romances sobre a migração, em *A imensidão íntima dos carneiros*, o *détour* não ocorre, pois não há uma negação da nova condição de vida ou da nova cultura. Para Assaad, o país de adoção é mais que um refúgio físico para a preservação da vida, é o lócus do esquecimento. A notícia do assassinato do pai no Líbano, anos mais tarde, é ao mesmo tempo angustiante e libertadora. A dor da perda se mistura à certeza de que não precisava mais atender ao desejo do patriarca, de que concretizasse aquilo que fora roubado aos outros filhos; seu destino passava a ser uma escolha ao invés de um dever.

À sua esposa, Karima, também de origem libanesa e que nunca se habituara ao Brasil, parecia estranho que Assaad se misturasse ao povo e agregasse aos seus modos “o jeito de ser do brasileiro”.⁸ No comportamento de Assaad, são perceptíveis os vestígios da aculturação, de uma identidade híbrida, composta por elementos de duas culturas distintas.

Quando Assaad decide registrar suas memórias esparsas, ele o faz porque “o tempo de calar a dor ficou para trás”,⁹ mas falta-lhe intimidade com as palavras, pois ele é um mascate. Suas mãos vacilam e as folhas de papel esperam o momento em que suas lembranças possam repousar nelas, libertando-o do sofrimento. A escrita é insuflada pela presença espectral do narrador, que, após a morte do pai, sonhara com o avô dizendo-lhe que tinha uma história para contar. As memórias que Assaad registra no caderno são respostas às indagações do neto:

⁷ MALUF. *A imensidão íntima dos carneiros*, p. 47.

⁸ MALUF. *A imensidão íntima dos carneiros*, p. 63.

⁹ MALUF. *A imensidão íntima dos carneiros*, p. 19.

Michel me falava dele. E é da voz de Michel falando a respeito do meu avô que sinto saudade, não dele. Qual é o motivo da sua presença em minha vida, se não consigo sentir a sua falta? [...] O que afinal resta de Assaad em mim? Qual segredo? Qual gesto? Qual sentimento? Qual palavra ainda pronuncio como eco da sua presença em mim? O que devo guardar? E o que devo abandonar? Ou mesmo lançar ao fogo? Olhe para mim, meu avô. Estou aqui, em pé. Na sua frente. Pronto para ouvir a sua história. Ou você deseja que eu suplique e me ajoelhe?¹⁰

Ao contrário de Adib, o tio-avô poeta que morrera enforcado, e de Assaad, assumidamente sem vocação para as letras, o narrador encontra na escritura a redenção dos seus temores. Incapaz de narrar a história em terceira pessoa, ele concede voz ao avô morto para que este, enfrentando suas lembranças e medos, possa também libertá-lo do peso do passado: “Já tentei começar a contar essa história de diversas maneiras, já me coloquei em terceira pessoa [...] Mas não me senti à vontade. Ou seja, estou aqui porque preciso”;¹¹ “eu preciso que as suas palavras venham ao meu encontro. Eu preciso devorar o passado para não ser por ele consumido”.¹²

A recuperação da história de Assaad reverbera no discurso do narrador, pois é este quem afirma: “abaixo dos meus músculos habita um sentimento de ausência, a falta de um lugar para apoiar os pés, um modo de viver sempre em suspensão, entre o céu e a terra, sem reconhecer um lugar que seja meu”.¹³ Para encontrar o seu lugar, Maluf recria a história do avô, que só conhece por fotografia; a mesma que era levado a beijar quando criança, ao visitar o túmulo de Assaad. Um avô com quem não convivera e a quem conseqüentemente não amara, que não lhe ensinara o árabe nem mantivera acesa a chama da tradição, mas de quem herdara a inquietude acerca de si mesmo e o medo ancestral. Fora o peso da ancestralidade que o levava, um dia, ao jazigo da família em busca de alívio:

Sussurrei na grade que dava acesso aos caixões que não queria mais aquela história, que não precisava mais repetir os fracassos, as dores, as doenças, o ódio e os medos

¹⁰ MALUF. *A imensidão íntima dos carneiros*, p. 20-21.

¹¹ MALUF. *A imensidão íntima dos carneiros*, p. 25.

¹² MALUF. *A imensidão íntima dos carneiros*, p. 67.

¹³ MALUF. *A imensidão íntima dos carneiros*, p. 25.

que assombravam a família há tanto tempo. Sussurrei, articulando muito bem as palavras para que também Assaad pudesse ouvi-las com exatidão. Eu quero a paz de meditar sobre o seu jazigo, meu avô, sem que a desgraça do seu ódio permaneça em mim. Saiba que carneiros com insônia vagueiam em meu corpo. Estetas da memória a me sufocar enquanto durmo. Sou como um navio transportando entre os mares uma carga de lembranças alheias.¹⁴

Herdeiro de um problema de saúde hereditário, o narrador crê que são as histórias silenciadas as responsáveis pela obstrução de artérias que causara a morte de muitos dos seus familiares. Narrar passa a ser uma necessidade que só se aplaca quando, ao final do romance, em um encontro insólito, o avô-narrado pede ao neto-narrador que o mate. A morte do avô, assim como a do próprio narrador, é o registro metafórico da conquista da tão ansiada libertação.

Ao entrelaçar autobiografia, história e ficção, Maluf elabora uma escrita que se distancia do padrão das narrativas sobre a imigração, fugindo à representação previsível da trajetória do deslocamento e do choque cultural. Reforçando a perspectiva de Fuks, que serviu de ponto de partida para esta breve análise, *A imensidão íntima dos carneiros* demonstra que, mesmo quando a fabulação se mostra insuficiente, o romance ultrapassa as próprias fronteiras e se reinventa.

O medo presente: identidades ameaçadas em meio à guerra

[...] there is often some sort of thought of strange imprints of inescapable fate on the face of a man who would die in a few hour's time, so much so that to an experienced eye it is hard to mistake.

Mikhail Lermontov

Por caminhos diversos, mas que se tocam, a narrativa de *O filho da mãe*, de Bernardo Carvalho (2009), ficcionaliza a Segunda Guerra da Tchetchênia (1999-2004), movida pelo presidente russo Vladimir

¹⁴ MALUF. *A imensidão íntima dos carneiros*, p. 88-89.

Putin contra a capital Grozny, em represália aos atentados terroristas em Moscou, cujo marco mais traumático foi o massacre de 334 civis, sendo 186 crianças, no ataque à escola de Beslam. O tema central do romance são as mães que perderam ou tentam salvar seus filhos da guerra, mas nosso foco se concentra aqui em dois personagens também centrais, Ruslan e Andrei.

O primeiro é filho de um tchetcheno (Chackban) e da russa Anna, que abandona o filho ainda pequeno e refaz sua vida em um novo casamento, em São Petersburgo, deixando o passado para trás, sem remorsos, segundo o narrador. Ao se tornar órfão de pai, Ruslan é criado pela avó (Zainap). A trama nos apresenta Ruslan já como um jovem adulto em meio à Segunda Guerra da Tchetchênia. É pelo esforço de Zainap que consegue sair da Tchetchênia rumo à Rússia. Morta Zainap, no percurso da fuga, Ruslan chega a São Petersburgo, onde é novamente rejeitado pela mãe. O trabalho como operário da construção civil e os pequenos furtos praticados são a alternativa para o jovem conseguir comprar um passaporte que o permita imigrar.

Andrei, filho da russa Olga e do brasileiro Alexandre Guerra, também é abandonado ainda criança pelo pai. Por conta de uma relação conturbada com o padrasto, é expulso de casa e obrigado a ingressar no exército, em São Petersburgo, na outra extremidade do país. Forçado por seus superiores a se prostituir, e assim conseguir recursos para o quartel, Andrei acaba tendo o dinheiro recebido roubado por Ruslan, o que leva o jovem recruta a desertar, por medo das represálias de seus superiores. Após pedir ajuda a Marina Bóndareva, voluntária no Comitê das Mães dos Soldados de São Petersburgo, associação humanitária de ajuda aos recrutas, Andrei aguarda a chegada de Olga, de posse de um passaporte brasileiro. Nesse meio tempo, ele tenta reaver o dinheiro do quartel. É aí que o romance se revela uma história de amor entre os dois jovens, de consequências fatais a ambos. O trecho é permeado por diversas tramas, mas, por conta de nosso espaço, nos concentraremos na história dos jovens.

Carvalho opta por um narrador heterodiegético, pouco usual em sua ficção, mas a escolha se mostra acertada. O narrador heterodiegético funciona como uma espécie de perspectiva de fora, dada pelo olhar do estrangeiro, de quem assiste ao drama do outro, com contenção e certo distanciamento necessário, deixando ao leitor os processos mais sutis de complementação dos espaços abertos na trama. Neste sentido, é válido

relembrar o conceito bakhtiniano¹⁵ de cronotopo, em que o tempo é elemento primordial e o espaço indissociável da temporalidade, sendo sua junção no cronotopo, portanto, categoria constitutiva da literatura.

Em *O filho da mãe*, tempo e espaço definem aspectos cruciais da trama. Estritamente do ponto de vista das ações no presente, a narrativa retrança um período que vai de 2002 a abril de 2003, mas se vasculharmos as datas, a história da família de Ruslan começa em 1918, com o nascimento de seu avô Arstan, ou ainda, as menções às lutas de independência no Cáucaso nos remetem ao início do século XVIII. Como se vê, a afirmação de Bakhtin, para quem “o processo de assimilação na literatura do tempo-espaço histórico real possui uma história complicada e errática, bem como é errática a articulação de pessoas históricas reais nestes mesmos tempo e espaço”,¹⁶ é pertinente para se entender alguns processos estilísticos no romance de Carvalho.

Ao considerar a fragmentação do tempo histórico e a multiplicidade espacial – Grozny, Inguchétia, São Petersburgo, Mar do Japão, Oiapoque, Moscou, Vladistok, entre outras referências geográficas –, Carvalho nos oferece uma visão não linear e bastante errática da história e dos movimentos incessantes de sujeitos no espaço. De fato, a mobilidade provocada pela guerra, com seus deslocamentos de contingentes humanos por inúmeros espaços globais, traz ao romance uma inquietante e paradoxal questão: em um mundo marcado pela promessa moderna da mobilidade para todos, intensificada na era da globalização, as personagens do romance estão cada vez mais circunscritas a espaços de clausura. A liberdade cede lugar ao medo; a possibilidade de ir e vir esbarra nas fronteiras vigiadas; o progresso sucumbe à ruína e a civilização à barbárie. Não sem razão, também a questão do corpo seja essencial para que possamos refletir acerca desse processo de clausura, conforme a passagem em que o narrador nos conta que Ruslan

[...] terminou por associar o sexo às ruínas e ao risco, à força de tê-lo descoberto em meio a uma guerra, e de buscá-las, as ruínas, sempre que encontra alguém, por ter

¹⁵ BAKHTIN. Forms of time and of the chronotope in the novel, p. 84-85.

¹⁶ “The process of assimilating real historical time and space in literature has a complicated and erratic history, as does the articulation of actual historical persons in such a time and space” (BAKHTIN. Forms of time and of the chronotope in the novel, p. 84, tradução minha).

sido obrigado a reconhecer nelas o cenário reconfortante do lar onde já não há possibilidade de reconforto. Quando não há mais nada, há ainda o sexo e a guerra. O sexo e a guerra são o que todo homem tem em comum, rico ou pobre, educado ou não. O sexo e a guerra não se adquirem.¹⁷

O sexo associado à guerra nos coloca frente a dois problemas cruciais na literatura de trauma, imigração e de identidade: o problema dos desajustados. Sexualidade, conflitos armados, fundamentalismo religioso, questões políticas e guerras comerciais formam a base das experiências traumáticas que culminam na chamada *ultima ratio regum*, a “última razão dos reis”, legenda gravada nos canhões de Luís XIV e que simbolizava o recurso à força, em tempos de guerra. Em consonância com o romance de Marcelo Maluf, aqui analisado, podemos dizer que a trama de *O filho da mãe* também se assenta em dois eixos: medo e deslocamento. Os espaços são descritos através dessas duas representações de linguagem. Assim é que Andrei espreita as ruas “do ângulo sombrio de um prédio”, onde do outro lado da rua se abre uma “porta decrépita”, que observa, vigilante, temendo ser visto pelos “guardas espalhados pela cidade”.¹⁸ Em outro momento, o narrador, referindo-se à cidade, dirá que ela é “uma cidade de risco, construída para permitir maior visibilidade às forças da ordem”.¹⁹

Como se vê, aos imperativos de uma modernidade fluida opõem-se os estamentos da ordem. Zygmunt Bauman²⁰ dirá que a modernidade seria um salto à frente em relação à experiência de viver na Europa até o século XVI, quando a tônica era o medo, sempre e em toda a parte. No entanto, uma globalização negativa, “alternando-se entre privar os livres de sua segurança e oferecer segurança na forma de não liberdade, torna a catástrofe *inescapável*”.²¹ Acusa-se, assim, a supermodernidade, por ela não conseguir manter sua promessa de mobilidade, acarretando o desperdício das vidas dos sujeitos incômodos que veem sua liberdade ameaçada em um mundo que não lhes concede viver plenamente o exercício da mobilidade e da identidade. Homossexual, Ruslan conhece o amor pela primeira vez, ainda na Tchetchênia, por Akif, companheiro

¹⁷ CARVALHO. *O filho da mãe*, p. 139.

¹⁸ CARVALHO. *O filho da mãe*, p. 110.

¹⁹ CARVALHO. *O filho da mãe*, p. 106.

²⁰ Cf. BAUMAN. *Medo líquido*.

²¹ BAUMAN. *Medo líquido*, p. 229.

na universidade, com quem viveu uma curta história de amor “nos escombros da escola de medicina”, onde ambos se faziam invisíveis,²² já que “qualquer tchetcheno a quem se fizer a pergunta dirá que não há homossexuais na Tchetchênia”.²³ De Akif, ganhou uma concha, guardada como amuleto, após o desaparecimento do amante; a mesma concha que entrega a Andrei, antes de morrer.

Desse embate de histórias de perdas, exclusão, confinamento e mobilidade ameaçada, nascem personagens que retomam uma história da catástrofe humanitária na Rússia nos séculos XX e XXI: deportações, expurgos, guerras envolvem as personagens, confirmando a passagem já citada, de que o sexo e as guerras são o que todo homem possui em comum. Este sujeito desperdiçado situa-se naquele lugar que Michel Agier, via Zygmunt Bauman, chamou de *hors du nomos*, ou “fora-da-lei”.²⁴ Na condição de refugiados, são sujeitos sem lugar e função, sem Estado: “os refugiados, os deslocados, as pessoas em busca de asilo, os *sans papiers* constituem o refugio da globalização”.²⁵

Michel Foucault nos diz que o poder político tenta, por meio da guerra, fazer reinar a paz na sociedade, mas ao mesmo tempo este poder insere perpetuamente na mesma sociedade a relação de força característica das guerras, seja nas instituições, nas desigualdades econômicas, na linguagem e até mesmo nos corpos. A verdade, portanto, é sempre algo que “só pode se manifestar a partir de sua posição de combate”, em que o sujeito não pode se colocar na posição de jurista ou filósofo, mas de quem se encontra “no limite da própria sobrevivência do sujeito que está falando”.²⁶

Resulta desse emaranhado de questões ficcionalizadas no romance carvaliano que, embora haja na concepção da narrativa um pensamento niilista e/ou pessimista, duas possibilidades humanas ainda conseguem emergir e são frutos dessa vontade de combate contra o medo e a guerra que resiste no interior das leis, conforme Foucault, a saber: a transgressão, pela qual se confronta a guerra no interior das leis; e *aphilia*, ou amizade, no sentido do termo tchetcheno *kunak*. Para os tchetchenos, o *kunak* seria

²² CARVALHO. *O filho da mãe*, p. 34.

²³ CARVALHO. *O filho da mãe*, p. 35.

²⁴ BAUMAN. *Vidas desperdiçadas*, p. 96.

²⁵ BAUMAN. *Vidas desperdiçadas*, p. 76.

²⁶ FOUCAULT. *Em defesa da sociedade*, p. 45.

o amigo que cada um de nós encontrará em algum momento da vida e que teremos que salvar ou seremos por ele salvos.

Andrei se coloca na posição do *kunak*, ao tentar salvar Ruslan, quando coloca seu passaporte brasileiro no bolso de Ruslan, após o amante ter sido fatalmente espancado. Ruslan não sobrevive às agressões, mas o gesto de Andrei permanece como símbolo de uma possibilidade humana em um mundo liquefeito e composto de medos líquidos e vidas desperdiçadas.

Ao final do romance, quando Ruslan já está morto, Andrei é reintegrado no exército e enviado à guerra. Em uma missão nas montanhas da Tchetchênia, ele salva a vida de uma camponesa atirando em seu comandante, mas é ferido de morte, sem antes segurar pela última vez a concha que trazia no bolso: o amuleto de Ruslan. Ao fim da narrativa, é o outro a ser salvo e a amizade a ser preservada que dão à trama um tom utópico, sempre lembrando que as utopias, sendo da ordem da impossibilidade, são nossa única esperança de fazer girar a roda da mobilidade prometida.

A ideia do *kunak* como recurso narrativo que o narrador privilegia, ao discutir as possibilidades da amizade, do encontro e da hospitalidade incondicional em um mundo de clausura, confere centralidade ao tema do estrangeiro na cena literária e histórica de hoje. Como afirma Anne Dufourmantelle, “a errância contemporânea sabe ser um engodo sutil. É uma errância que, na verdade, nos designa atribuições brutais e selvagens sob as quais se apresenta [...] a volta dos nacionalismos e dos fundamentalismos em seus aspectos mais sanguinolentos”.²⁷

Esse efeito de provocação – do escritor, da escrita e da leitura – aponta para uma ética da hospitalidade que se choca com o direito à hospitalidade, pois “a máquina interdita a hospitalidade, que ela própria deveria tornar possível”,²⁸ como se o direito à língua, ao lugar, ao lugar de habitação, à casa, à morada do ser, fossem ativos negociáveis na bolsa de valores humanos da sociedade de mercado. Será então somente possível, como o fizeram Ruslan e Andrei, coabitar nas ruínas. Essas questões vibram na prosa de Carvalho e demandam uma crítica urgente,

²⁷ DERRIDA; DUFOURMANTELLE. *Anne Dufourmantelle convida Jacques Derrida a falar Da Hospitalidade*, p. 57-58.

²⁸ DERRIDA; DUFOURMANTELLE. *Anne Dufourmantelle convida Jacques Derrida a falar Da Hospitalidade*, p. 59.

posto que em momento de perigo, quando as lutas pela igualdade e pelo bem comum estão ameaçadas, é mister que o pensamento não silencie.

Considerações finais

Os dois romances analisados alinham-se a uma vertente da narrativa brasileira contemporânea que tematiza o trânsito espacial e cultural e a representação do sujeito fora do lugar. Entretanto, eles se desviam das abordagens usualmente dadas a esses temas.

Em *A imensidão íntima dos carneiros*, a narrativa do deslocamento e da busca de definição identitária constitui uma viagem, um percurso que borra as fronteiras entre presente e passado, entre autobiografia e ficção, entre memória e esquecimento. A categorização do romance como “escrita migrante” dá-se em função desse movimento, do estatuto deslizante da narrativa, que reinventa a experiência da migração por meio de uma tessitura fantástica e, ainda assim, engendra questionamentos cada vez mais presentes no mundo contemporâneo.

Com *O filho da mãe*, surpreendemos nossas personagens-alvo, Andrei e Ruslan, em um contexto de guerra, clausura e sob a ameaça da vigilância total de seus corpos. Também ali se encena uma viagem e também ali a jornada é traumática, posto que a vigilância líquida e a hospitalidade difusa são armadilhas do percurso. Criar um respiradouro no claustro é a resposta dada por Carvalho para uma possibilidade humana que só tem lugar na incondicionalidade do acolhimento do outro. Com um romance feito sob encomenda, o escritor desvia-se de certas leis do mercado, com ele negociando, para tratar de um drama demasiadamente humano, e que já se anunciava nas tragédias gregas, nos mitos, na literatura, enfim, de todas as épocas, cuja dramaticidade Primo Levi resumiu definitivamente em sua obra-pergunta: É isto um homem?

Nos exemplos de Maluf e Carvalho, as escritas migrantes revelam-se, portanto, como linhas de força das mais importantes na narrativa brasileira contemporânea.

Referências

- AUGÉ, Marc. *Não-lugares: introdução a uma antropologia da supermodernidade*. Campinas, SP: Papirus, 1994.
- BAKHTIN, Mikhail. Forms of time and of the chronotope in the novel: notes towards a historical process. In: _____. *The dialogic imagination*. 19. ed. Austin: University of Texas Press, 2014. p. 84-258.
- BAUMAN, Zygmunt. *Medo líquido*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.
- BAUMAN, Zygmunt. *Vidas desperdiçadas*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.
- CARVALHO, Bernardo. *O filho da mãe*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
- DERRIDA, Jacques; DUFOURMANTELLE, Anne. *Anne Dufourmantelle convida Jacques Derrida a falar Da hospitalidade*. Tradução de Antonio Romane. São Paulo: Escuta, 2003.
- FOUCAULT, Michel. *Em defesa da sociedade: curso no Collège de France (1975-1976)*. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2010.
- FUKS, Julián. A era da pós-ficção: notas sobre a insuficiência da fabulação no romance contemporâneo. In: DUNKER, C. *et al.* *Ética e pós-verdade*. Porto Alegre: Dublinense, 2017. p. 73-93.
- GLISSANT, Edouard. *Le discours antillais*. Paris: Seuil, 1981.
- GODET, Rita Oliviere. Errância/Migrância/Migração. In: BERND, Zilá (Org.). *Dicionário das mobilidades culturais: percursos americanos*. Porto Alegre: Literalis, 2010. p. 189-209.
- HAREL, Simon. Les Mal-logés de l'écriture migrante: trauma et mémoire du lieu dans Les raisons de la honte d'Ata Pende. *Essays on Canadian Writing*, Alberta, n. 80, p. 282-304, Fall 2003.
- KEMMEL, Cecília. *Sírios e libaneses: aspectos da identidade árabe no sul do Brasil*. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2000.
- MALUF, Marcelo. *A imensidão íntima dos carneiros*. São Paulo: Reformatório, 2015.

OUELLET, Pierre. *L'esprit migrateur*: essai sur le non-sens commun. Montreal: VLB, 2005.

SAID, Edward. *Reflexões sobre exílio e outros ensaios*. Tradução de Pedro Maia Soares. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

Recebido em: 30 de janeiro de 2018.

Aprovado em: 9 de abril de 2018.